NOTAS PARA A HISTÓRIA DA PALMA FORRAGEIRA NO NORDESTE

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE

A história da introdução e distribuição da palma forrageira (*Opuntia ficus-indica* Mill, *Cactus ficus-indicus* L.) no Nordeste sêco ainda não foi escrita.

Em seu Dicionário das Plantas Úteis no Brasil, M. PIO CORREIA assinala que a planta é indiscutìvelmente americana, mas não há certeza do seu *habitat* primitivo. Os colonizadores já a encontraram no México, quando ali chegaram, existindo diversas variedades desta cactácea, conhecida por "Chumbera", "Higo Chumbo" e "Nopal", na Colômbia; "Chumbera Brava", entre hispano-americanos; "Fico d'Índia", entre os italianos, e "Figueira do Inferno" e "Tabaíbo", na África portuguêsa. Afirma-se que os espanhóis, reconhecendo o valor da planta, levaram-na para outros pontos do Novo Continente, para as Antilhas, bem como para a Europa, notadamente para a Itália e a Espanha. Daí os mouros conduziram-na até Marrocos, de onde a disseminaram pela África. Os portuguêses introduziram-na no Brasil, em Angola, na Índia, e decerto, em outras regiões, sendo que em tôda parte se aclimou perfeitamente, tornando-se subespontânea e tão vigorosa que até parece indígena. Suporta 6º a 8º C. abaixo de zero, como resiste às sêcas mais prolongadas, graças à considerável quantidade de água armazenada nos artículos.

RAUL DE GÓIS, em seu livro HERMAN LUNDGREN, PIONEIRO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO NORDESTE, edição de 1949, dá êste ilustre homem como o introdutor da palma na Zona da Mata e do Litoral de Pernambuco, tendo-a obtido do próprio BURBANKS a quem escrevera solicitando mudas da planta que se tornou mais tarde

base da criação e prosperidade dos fazendeiros do Nordeste sêco. Secundando esta opinião, o jornalista SÍLVIO SILVESTRE, na Revista Caça e Pesca, de São Paulo, números 116 e 117, de 1951, relata o seguinte:

"No ano de 1866 chegou ao Brasil o jovem sueco HERMAN LUNDGREN, pai do ilustre industrial pernambucano, Comendador ARTUR LUNDGREN, um dos maiores acionistas das fábricas de tecidos localizadas no município de Paulista, neste Estado, e em Rio Tinto, do município de Mamanguape, no Estado da Paraíba. Depois de haver visitado Rio e Bahia, HERMAN LUNDGREN primeiramente instalou-se na capital pernambucana, com escritório de representações, sendo um dos maiores consignatários de navios de vela, mantendo, também, perfeito serviço de "Shipchandlers".

"O jovem sueco, ampliando os seus negócios comerciais, chegou a ser grande exportador de couros e peles, dominando a exportação do produto na zona compreendida entre Bahia e o Maranhão.

No ano de 1877 houve, certamente, a maior sêca do Nordeste e do Norte do país, dizimando grande parte da população de nossa interlândia e destruindo, quase completamente, os rebanhos. O comércio de couros e peles entrou em declínio, ficando virtualmente extinta a exportação do produto".

"HERMAN LUNDGREN recebia, constantemente, revistas da Europa e da América e, certa vez, leu numa delas os horrores das sêcas na região do Texas e que a calamidade das longas estiagens estava sendo combatida pelos estudos do renomeado botânico BURBANKS, que conseguira selecionar um cruzamento de duas espécies de "cactus", obtendo um produto híbrido que é hoje conhecido no Brasil pelo nome de "Palma Santa".

"A "Palma Santa" é o "cactus" desprovido de espinhos, aquoso e muito rico de substâncias alimentícias para os rebanhos e que o próprio homem, naquelas regiões devastadas pelo sol causticante, dêle se utiliza para matar a sêde e a fome." (1)

"Assim, BURBANKS realizou um verdadeiro milagre, prestando um dos maiores, senão o maior benefício à economia nordestina."

"HERMAN LUNDGREN leu a notícia numa revista norte-americana e conseguiu importar, à sua custa, seis toneladas de sementes da "Palma Santa", distribuindo-as entre centenas de fazendeiros nordestinos".

Hoje a "Palma Santa" é cultivada em larga escala em todos os

(1) Ao contrário do que pensa o jornalista citado, a palma forrageira é muito pobre em elementos nutritivos. As análises dão: proteína bruta — 0,43% a 0,57%; extrato etéreo — 0,14 a 0,19%; extrativos n/ nitrogenados — 2,61 a 5,52%; fibra bruta — 0,43 a 0,61%. (Nota do Autor).

au quel on a ajouté une préface des notes e des observations relatives à la culture de la cochonille, avec des figures coloriés".

Le tout recuelli et publié par le Cercle des Philadelphes etablié au Cap. Française, isle et côte S. Domingues. MDCCLXXXVII.

Podemos estabelecer as seguintes conclusões:

1º — A introdução da palma em alguns Estados do Brasil poderia ter como motivação a sua utilização como hospedeira da cochonilha para produção de carmim. A coccicultura foi o primeiro ramo zootécnico que, antes dos rebanhos de bovinos, deu lugar à utilização da palma.

2º — A importância econômica da produção de carmim nos séculos 17º e 18º preocupou grandemente os estadistas da Europa. Segundo os cálculos de Thiery, o Velho Mundo importava da América cêrca de 15 milhões de libras de carmim. Só a França importava anualmente 200.000 quilos de cochonilhas equivalentes em moeda daqueles tempos a três milhões de francos.

Justifica-se, portanto, a preocupação do agrônomo da Imperial Escola Agrícola da Bahia que, para colar grau de engenheiro agrônomo, propunha-se defender a importância da cultura da palma como hospedeira da cochonilha, matéria-prima para a fabricação de carmim. É interessante reviver alguns trechos doutrinários de sua antiga tese: "A natureza escolheu 3 espécies do gênero *Opuntia* para a criação vantajosa do inseto: *Opuntia coccinilifera*, a *pseudo tuna* e a *tuna*." E mais adiante: "Os países constantemente assolados pelas sêcas periódicas são os mais apropriados para o estabelecimento de nopaleiras, por isso que, nestes lugares, onde a sêca se prolonga durante 2, 3, 4, 6 e 8 meses, torna-se possível fazer 2, 3, 4 colheitas."

Uma curiosidade: a cochonilha, uma praga dos vegetais, era objeto de alto interêsse econômico. Hoje, os palmais servem para salvar os rebanhos.

O Prof. Renato Braga, em seu livro "Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará", menciona a "Palma doce" (*Nopalea cochenillifera Salm-Dick*) como natural do México. Introduzida no Brasil no período colonial quando se fomentou a criação da cochonilha, que é feita em suas palmas. Onde, como e qual, então, a importância econômica? Creio que com a nossa pesquisa esboçamos mais um roteiro...